

REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

ASSIGNATURA

N.º 10

PARA A CAPITAL: Trimestre 2\$500—PARA FÓRA DA CAPITAL: ANNO 10\$000

O GETHISEMANI

(Traduzido de Balmes)

I

A noite já ia em meio de seu curso; a lua
pendia seus prantos de tristonha luz sobre o
canto da terra adormecida, semelhava, na immen-
sidade dos céos, lampada funeraria de um vasto
chão, onde repousassem as cinzas de um
grande potentado.

A saphira da abobada celeste era marchetada
pelas estrellas, cujas merencorias scintilla-
vas vinhão perder-se nos raios argenti-fulgidos
do mysterioso das noites.

A cidade de David, seus muros, suas torres
brilhantes, seus palacios e seu templo, formando
um conjunto tenebroso, semelhavão lugubres
antefixas, erguendo nas sombras sua estatura
gigantesca.

Os doces raios da lua esbatendo sobre os me-
mbrões que parecia revesti-los, fazião-nos despedir
nos quando sinistros reflexos, como os
brilhos dos fogos fatuos que se elevão, horas
antes, das regiões sepulchraes, ou brilhos de
pedras nuanas, brandidas nas trevas.

As aguas do Cedron murmuravão, á surdina,
recordando os echos dos valles.

A gente seria levada a dizer que os Reis sepul-
chros nessas paragens, por seus sepulchros entre-
abertos, soltavão flebeis gemidos.

II

Narrateira brisa, com aza timida, mal roçava
o canto escuro do arvoredado.

Tres homens sós, formando um grupo á parte,
estendidos no chão. parecião não poderem resistir
ao somno.

Mas para que estão ali?

Serão viajores perdidos, que á noite surpre-
hendeu á meio de seu caminho?

Projectos funestos tel-os-hião levado ali,
apenas aguardando instante favoravel para exer-
cerem uma vingança, ou atacarem o viandante
imprudente?

Nada de tudo isto.

Não longe, á pequena distancia, que podia
ser medida pelo arremesso de uma pedra, aperce-
be-se um vulto immovel.

Approximai-vos; contemplai este homem
prostrado de joelhos e mergulhado no fervor de
sua oração.

A tristeza e a dor reflectem em seu meigo sem-
blante e transbordão de seu peito, porque „sua
alma está transida de tristeza que dá morte“.

Diante de seus olhos vê elle o terrivel calix da
justiça divina.

„Seu espirito está prompto, porém a carne é
fraca“.

Alevanta os olhos aos céos, e em um gemido
de ineffavel ternura, brada :

— Pai, se é possivel passa de mim este calix;
mas faça-se a tua vontade e não a minha.

Assim dizendo, de novo mergulha-se no si-
lencio de sua meditação, e traga, pelo p nsamen-
to, até as fezes do terrivel calix.

III

E no entanto não esquece seus amados disci-
pulos escolhidos; alevanta-se, e indo ter com elles,
admoesta-os, pedindo-lhes que velem um só ins-
tante comsigo.

— Não podestes velar uma só hora comigo?...

E afasta-se o Divino Cordeiro, deixando-os que gosem do somno, em quanto que para salvá-los deixa seu coração saturar-se das agonias todas!

Recomeça sua oração interrompida, e pede ainda ao Pai celeste „que affaste d'elle, se é possível, o terrível calix“

Volta de novo a seus discipulos, e acha-os dormindo; afasta-se, sem despertá-los, e vai outra vez fazer ao Pai celeste a supplica: „Afasta de mim, si é possível, esse amargoso calix; mas em tudo seja feita tua vontade“.

Nelle, submissão e oração são a mesma coisa — a vontade do Pai e sua obediencia — idênticas.

IV

Que dolorosos pensamentos inundão sua alma! que peso esmagador acabrunha seu peito! que mysterio de morte agita seu coração!...

Um suor sanguineo escorre-lhe da fronte tão copioso que roreja o chão em que está prostrado!

Ah! é que elle vê o cimo horrível do Golgotha, a morte medonha do ignominioso patibulo, os doestos grosseiros da soldadesca os ultrages sanguisedentos dos phariseus!

Elle vê, oh! dor mil vezes mais cruel! as agonias de uma terna mãe, inconsolavel e só, no meio das ondas populares, a ouvir gritos homicidas, o retinir de armas, o clangor de trombetas, entre uma plebe estúpida e brutal, que a repelle desapiedada, pretendendo desvairada assegurar o respeito ás leis, affastando-a da victima de sua perversa deshumanidade!

Vê-se a si proprio, caminho da morte, prestes a soffrer o ultimo supplicio, conservando apenas o semblante de homem; seu corpo todo envolto no manto d'uma chaga só, despido de seus vestidos; deslocados seus ossos a poderem ser contados, e desafiado a que desça da cruz e salve-se da morte!...

V

E ainda assim não são somente as dores que vai soffrer em seu corpo que fazem transbordar o calix de sua amargura.

O futuro, com seus medonhos crimes, tão sombrio como as nuvens preches de tempestades, carregado dos despojos opimos do inferno, dos triumphos de todas as perversidades humanas, se mostra patente, claro, á vista de Jesus.

E a luz divina, que penetra até as ultimas

profundezas das trevas, lhe faz ver, a ingratição e os crimes que para um tão grande numero de homens tornarão inutil o resgate com o sangue de um Deus!

VI

Vedes como a tunica inconsutil, entrelaçada pelas divinas mãos de sua mãe, é dilacerada por um soberbo, que no futil orgulho de seu pensamento, eleva-se contra o céu e blasphema „geração eterna que um mortal não pode conhecer esse Verbo que era no começo, que era em e que era Deus, creador de todo creado?“

Vedes o mundo enleado nas tramas do mal, envolto nas suas trevas, esmagado debaixo do peso do soffrimento sem consolação?

Vedes tantos povos chamados á luz da verdade, a saciarem-se na taça envenenada, preparados para assim desastres incalculaveis á Esposa de Christo?

Do meio das ruinas das velhas philosophias renascem, como insectos venenosos, os sentimentos insensatos do orgulho delirante, e o homem, sua soberba, toma-os por caracteres de seu poder!

O filho de Deus soffre e pena, e agora morre para esclarecer e salvar o mundo da vaidade e o orgulho e a ambição e a concupiscencia conspiração para tornar inuteis tanto a misericordia tanta.

VII

La embaixo, na antiga Bysantium, cidade immortalizada pelo genio de Constantino, vê o homem de perdição, que, altivo de sua influencia, mostra a todos os olhares os dons que recebeu do Céu.

Sobre a cadeira do templo santo, desse templo elevado pelo typo da grandeza christã, elle a o estandarte da revolta, arrastando após si numerosos, que, seduzidos por esses perigosos ensinamentos, desconhecem as orações e os conselhos da cadeira eterna.

Oh! quem poderia conceber a dor immensa que se apodera do coração de Jesus á vista de tantos males accumulados!

Elle soffre ao mesmo tempo o contra das ruinas amontoadas no longo curso dos seculos!

Quem, como elle, poderia comprehendere que será dispensado de blasphemias, orgulhos, seduccões, penas e trabalhos, para arrastar milhares de almas á sua perdição?...

quem, como elle, poderia ver com a mesma
 a frivolidade, a dissipação, a corrupção,
 as violencias, as injustiças, as vinganças
 e as inimizades que reinarão mesmo entre os
 entre essas nações que se glorião de
 ter abandonado os muros de Jerusalem
 para abraçar os erros dos gentios!

VIII

Augusta victima! Aparta teus olhares; ja basta
 accumuladas em teu seio! fecha-os sobre
 do occidente, para não veres com que
 as leis mais sagradas, dilacerão o
 de tua Esposa querida!

Como que ingratição, ah! esquecem até o
 do amor que legas aos hu-
 na vespere de teus tormentos e morte!

Partia os olhos de teu rebanho desgarrado,
 disperso pela sanha de lobos vorazes e
 em teu nome semeiarão discordias
 derão a beber um veneno lethal ao
 por teu precioso sangue; fizerão suc-
 a paz e de felicidade uma era
 e de lagrimas.

IX

De tanto de tantos soffrimentos, de angustia
 pode ser que o Céu te deixe sem consola-
 amparado? pode ser que seja insensivel
 tamanhas?!

Não; a prece que teu coração alevantou
 em cujo seio foste gerado,
 os degraus de seu throno; do meio das
 que o cercão, ja se desprende um grupo
 de mensageiros celestes.

Esses raios luminosos envolvem as formas
 desses incolas da infinita bemaventu-
 e entre elles se apercebe a fronte sombria
 do anjo encarregado da terrivel
 tarefa.

Em seu semblante divisa-se um quer que é de
 tristeza; os brandos reflexos de seu
 infundem respeito e amor; mal toca
 o joelho; mostra-se diante do
 curva a fronte e beija a terra
 do sangue divino; abre a boca; vai
 que diz elle?..

Mortal, não aspiras sabel-o, affasta-te, não
 as palavras que pode pronunciar o en-
 de Deus, para reconfortar aquelle que creou
 o mundo.

Calte a ora.

A' UMA...

I

Naquella festa ruidosa
 Em que estiveste, a fallar,
 Gesticulando, comendo,
 Revirando o terno olhar;

Tomaste a flor do cabello.
 E com lampejos no olhar
 Déste-me a flor branca e pura
 E foste além namorar.

II

Conservei-a junto ao peito
 Cujo calor a murchou;
 Depois tomei-a entre os dedos
 E seu atrito a esfolhou.

III

Eu esfolhei-te uma flor
 Outro esfolhou-te a coroa...

IV

Tu sempre foste, afinal,
 Inclínada á vida á toa.

A. C.

Porto Alegre — 1881.

UMA HAVANERA

Eu tinha-a presa contra o seio.
 As pulsações de seu coração sentia-as de
 mistura com o cadencioso vibrar da orchestra.

* * *

Era ao findar do baile — um dos ultimos do
 Carnaval.

O gaz ja desmaiava nos lustres empanados
 pela poeira, e as flores murchavão nos vasos dos
 aparadores.

Havia o movimento febril das ultimas marcas.
 Em todos os semblantes o gozo das derradeiras
 emoções.

A orchestra marcava n'um compasso vago roso as notas vibrantes de deliciosa havanera...

E eu seguia enlevado o rythmo dessa musica, que entornava ondas de lascivia no frouxo gyro dos pares...

E levemente reclinada ao meu hombro, deslisava pelo salão, n'um abandono suave, a mais delicada creação que imaginar se pode...

E ao perpassar sereno dessa candida creança, dir-se-hia que o espaço enchia se de genios estranhos e benignos, cantando os primores de sua fada predilecta...

E de seus cabellos desprendião-se perfumes excentricos, capazes de embriagar os sentidos dos deusesolympicos...

E a sua respiração oppressa, açoitando-me a face, inundava-me na morna volupia de desejos impossiveis...

E as notas vibrantes da havanera ferião-me os ouvidos n'um dulcissimo *crescendo* de sensações...

* * *

Oh! é impossivel exprimir as impressões que agitavão-me o ser.

Era o abstracto de um sonho nos limites da realidade, o concreto da realidade na dilatação de um sonho...

Um sonho erão as phantasias que minha mente creava, a forma vaporosa pendida ao meu braço.

A realidade, o corpo gentil unido ao meu corpo, o halito perfumado confundido ao meu, os estremecimentos de sua estructura nervosa... os desejos que tudo isto me despertava...

Despertava-me das puras illusões de um idealismo santo, para mergulhar me nas ondas asphaltosas de sensual realidade.

Realidade! realidade! como custas a amoldar a imaginação incandescida dos moços nos teus estreitos limites!

* * *

Uma havanera!...

Ninguém sabe que mundo de delicias estas oito letras encerrão.

Como ella é doce! como é suave!

Que effluvios, que infinidade de gosos entorna em nosso ser!

Quanto mais compassado, quanto mais brandos uos spirar das notas, tanto mais se encandece o

sangue em nossas veias, tanto mais se engo aorta de nosso coração.

Ha na havanera um não sei que de my de divino.

Ella é o mixto da volupia perenne e as lações dos gosos do paraizo: tem esta du em si.

Quando se dança uma valsa como que se desprende das regiões terrenas e se eleva a alturas de um meigo ideal, fazendo-nos esquecer tudo que nos rodeia; mas na havanera sobe nuvens de ouro e purpura ao ether de um mundo ignoto, recamados das pomposas galas da imaginação exaltada cria, levando de encontro a sequito buliçoso de nossos desejos multiplicados de nossas morbidas voluptuosidades, e... o par.

Ah! é o que ha de bom e de sublime!

* * *

— Se não concluisse esta havanera?!

— Cansariamos, senhor

— Não canção os anjos de gosar as veias empyricas...

— Ah!...

— Porque esse desdem? Não vê como as rosas, sentindo a falta do astro rei, seu astro, estão ali pallidas e desmaiadas?... Porque ama como ellas?

— Mas as rosas, que aos primeiros albores da manhã abrem os seios nacarados e ostentão a nascente todos os seus encantos, sentem que o crepusculo vem chegando que as suas pétalas estão emurchecidas e tem necessidade de se inclinar a frente para o solo, ao passo que as maravilhas começam a desabrochar...

— Porém ahi vem o orvalho matutino a refrescar-lhe com as lagrimas crystalinas o calix doido.. e reanimal-a para receber o amanhecer leste...

— Amores que voltão sempre dão idéas de previo esquecimento... e não impedem que se vejam maravilhas...

— Tem ciumes... rosa?

— Das maravilhas?

— E então?...

— Porque ha de o sol resequir as rosas a purinas, quando tem ao descer de dourar a face ferino das maravilhas?...

— Porque, porque...

— Porque o sol, que é a imagem do homem não ama, não pode amar.

— E o que tem isso, se eu amo-a louca,
quasi-moradamente, com um amor que me toma
toda a coragem? Ainda quer mais?

— Quería que amasse sempre assim.

— Sempre! sempre! juro...

— Não, não juro.

— Juro-o por esta havanera!

E tuas um desmentido ás minhas palavras,
as lindas notas da deliciosa musica perderão-
se no espaço.

P. DE ASCYRO.

Porto Alegre — 1881.

SAUDADES

SAUDADES!

Tenho saudades
Das noites de minha terra,
Onde o luar se destouca
Nas cabeceiras da serra.
Tenho saudades dos montes,
Dos ares, dos horisontes,
De um bem que não volta mais...
Da hora triste e sombria,
Do sino da Ave Maria
Nas suas notas finaes.

Saudade!

Tenho saudades
De uns olhos negros que vi,
De uns olhos que me matarão,
De uns olhos por quem morri.
Do gaturamo que voa,
Que vai rente co' a lagoa
Buscando um ramo sombrio,
Dessa cantiga plangente
Do pescador indolente,
Sentando ás margens do rio.

Do minha patria distante,
De meu berço longe assim,
Eu sinto a morte no exilio
Sinto-a bem junto de mim.
Aqui, por noites divinas,
Negras, funereas cortinas,
Rolão dos céos atravez...
Do sonho esvai-se o encanto,
Dos olhos rebenta o pranto,
Vai-se do estro a altivez!

Saudade!

Como minh'alma
S'estorce em funda agonia!
Tu és um cirio de mortos
Doirando uma campã fria!
P'allida luz de uma aurora
Brilhante, orvalhada embora,
Como as manhãs do sertão,
Que ás flores mortas da vida
Mandas um raio, querida,
Para aquecel-as no chão.

Saudades!

Ai! quem me dera
Ver de novo o meu Brazil!
Indio que vai na piroga
Cortando rios aos mil!
Selvagem, que á luz da lua,
Braços nus, a perna nua,
S'estende por serranias...
E ao ronco das cataractas
Erra no seio das mattas,
Lucta co' as onças bravias!

Das lianas que se enlaço
Nos coqueiros da floresta,
Onde as aves se embalanço
Ao molle cahir da sesta,
Luz que a araponga na calma
Soluça de palma em palma
Tristes magoas a carpir,
De amor entornão-se os lumes...
A briza nos traz perfumes,
O peito tem mais sentir.

Eu quero viver de novo
Nas terras de meu paiz,
Mais affectos vale um filho
Quanto mais é infeliz.
Quero ouvir pelas estradas
Do boiadeiro as toadas,
Quando a coirana desmaia,
Bem longe das cachoeiras
A suspender as perneiras
Nas ramas da sapucaia.

Minha mãe soluça ainda?
Falla em mim nos seus serões?
Junto á candeia do lar
Santa murmura orações?
Oh! vai, Saudade de neve!
Leva esse pranto de leve
Philtro que d'alma é que sai

Transpõe, transpõe esses mares,
Vai na terra dos palmares
Depol-o aos pés de meu pai!

Diz á patria, irmãs, amigos,
Que eu sou uã ave sem ninho,
Flor batida das lufadas
No tremedal do caminho.
E depois da dextra idosa
De minha mai piedosa
Beijares nas soledades,
Chora do exilio as endeixas
Dá-lhes meus threnos e queixas
Dá-lhes minh'alma em saudades!

Saudades!

Tenho saudades
Das noites de minha terra,
Onde o luar se destouca
Nas cabeceiras da serra.
Tenho saudades dos montes,
Dos ares, dos horisontes,
De um bem que não volta mais...
Da hora triste e sombria,
Do sino d' Ave-Maria
Nas suas notas finaes.

MELLO MORAES.

Londres — 1871.



SUICIDIO POR CIUME



Black era o nome dado a um lindo cãesinho, que ha tres mezes me entrou em casa como um engeitado.

Negro como azeviche, redondo como uma bola, teria oito dias quando m'ò derão.

A gente toma insensivelmente uma grande affeição a esses pobres animaesinhos, e no lar elles têm o instincto de se fazerem amar e de tomar um lugar para si, justamente como fazem os expostos, jogados por irrisão da sorte á roda fatal dos desnaturados da meia-noite!

* * *

O cão é um animal menos historico do que o asno ou cordeiro; e no entanto elle tem a virtude dos dois, e excede a quasi todos nas manifestações generosas e nobres do sentimento e do coração; e

diriamos do espirito, si não fôra heresia attribuir á sua grande comprehensão certas qualidades psicologicas.

Mas o certo é que os cães têm qualidades affectivas extraordinarias.

Amão até o delirio; padecem e morrem de doer e de saudade pelo seu amo; experimentão alegrias immensas, quando o vêm de volta á casa; deprimem-se de saudades si elle se ausenta.

Suas emoções, doces ou penosas, revelão se em tudo, á par das da familia; desde a alegria que manifestão em convulso voltear e os exalta em torno do berço, até a lugubre e reconcentrada tristeza junto ao esquife e junto ao tumulo do amigo e companheiro.

E quantas vezes os seus affectos e saudades não serão mais ternos e pungentes do que os lamentos daquelles que representão a comedia official das lagrimas, junto a um cadaver?!

* * *

A essa tendencia mais pronunciada de sua organização, o cão reúne a coragem impetuosa e destemida do amigo que sacrifica a sua estima; a lealdade do gentil-homem; a generosidade do vencedor; a paciencia dos martyres; o brio do estoico; a constancia dos obstinados; a vigilancia emfim dessas glorificadas sentinellas da honra e do dever.

O cão comprehende o dono para adivinhar-lhe as expressões mais subtis do olhar, do gesto e do voz; e então, ou se entrega ás expressões da mais completa felicidade, ou soffre tristezas que meltem dó, quando, humilhado, abate as orelhas e cauda, arqueia o corpo, e com passo tardo e interricado caminha á um recanto, alongando um olhar de queixa ou de arrependimento sobre o amo offendido ou injusto.

* * *

O cão conhece as gradações hyerarchicas das pessoas da casa, e sabe a festa e expansão que ha de ter para cada uma; e no que elle é inexcedivel é na nobreza de suas affeições, é no amor de preferencia, expansivo, doce e terno que consagra aos mais fracos e aos mais infelizes.

Como elle ama as creanças, e as festeja delirante e meigo, até mesmo no seu rude afflago de morder, graduando a pressão das mandibulas de modo que nunca offenda, nunca maltrate, nunca tenha de que se arrepender?!

Como elle ama os que soffrem, como busca os pobres escravos na cosinha ou na senzalla, para agradecer-lhes as migalhas que lhe guardão?!

Como segue par a par, melancolico, mas digno e humilde, o mendigo que de porta em porta busca a caridade, o mendigo que é seu amo, que nada vale diante do rico que o affaga quando attrahil-o, e que despresa para seguir o seu fadario de amigo mais leal do opprimido do que do opulento?!

Quantas vezes não é o unico amigo fiel e constante que vai ao carcere e ao cemiterio, em busca do amigo, prisioneiro dos homens ou jungido aos eternos grilhões da morte?!

* * *

Era filha o meu pobre Black, que possuia todas essas nobres qualidades: e á proporção que avuçava e augmentava-se a sua comprehensão, elle se entendendo o seu papel de amigo, de modo a captar a estima de todos e a crear para si certos direitos no lar, de que ja se suppunha tambem guarda e defensor.

Affagou-se logo a meu filho, o louro e travesão Santinho, e ambos se provocavão para essas manhas sem fim pela casa, em todas as direções, disputando-se no pareo o premio da chupeta.

Era a criança o seu amigo predilecto na casa, e era-lhe bem paga a preferencia porque o menino repartia com elle a refeição matinal do collegio, e ao jantar o tinha sempre ao pé de si para o convencer talvez de que não era um sybarita egoista.

Quando se approximava a hora de o Santinho ir para o collegio, o Black ja não achava attrahivos longo da sala, que era para não deixar de o acompanhar durante o trajecto, saltitante e alegre, sempre á frente, até que era forçoso separar-se.

O intelligente animal tinha um instincto extraordinario; media o tempo decorrido com a exactidão do relógio.

Apenas approximava-se a hora de ir buscar ao collegio o seu amigo, era elle o primeiro a adoptar em torno de minha mulher, com o pescoço acurvado, os olhos supplices, lambendo-lhe os pés, e pedindo como quem melhor fallasse para que fizesse vir o nosso *loiro prisioneiro*.

* * *

Tinha-me elle uma estima respeitosa, que bem sabia não poder ser igual á que consagrava

franca e abandonadamente a meu filho, uma especie de seu companheiro de infancia.

E quando acontecia ter eu de chamal-o para reprehendel-o ou affagal-o, vinha por assim dizer de rastos, alegre, desfazendo-se em caricias a meus pés, que elle lambia humilde e contente, como quem julga tudo ser licito fazer-se a um bemfeitor.

* * *

A' minha mulher tinha elle uma estima estranha.

Conhecia que era causa de alguma observação ao Santinho, e não se afoitava muito a ir por si affagal-a; mas apenas ella o chamava elle approximava-se de rastos, supplice, e deixava-se ficar a seus pés, immovel e obediente como um automato.

Mal ella o affagava, o querido animal não sabia como manifestar a sua alegria reconhecida e indefinivel.

* * *

Hontem, á tarde, um incidente, uma casualidade, pareceu marcar o fim, o termo desgraçado do pobre Black.

Mandarão-nos de presente um outro cãozinho, cor de madeira secca, a que minha mulher e meu filho affagavão muito, dando-lhe logo o nome de Bois.

Black teve ciumes irresistiveis, dava pulos angustiosos, reclamando preferencia no collo em que o outro se achava.

Minha mulher affagou-o, passando-lhe a mão pelo fio do lombo, e chamou-o de amigo.

Black acalmou-se, fez festas a todos da mesa, e desapareceu de subito da sala.

Dez minutos depois estava morto!

Tinha sahido á rua, devorado de ciumes, deixou-se cortar ao meio pelo bond n. 13 dalinha da Margem.

Quantas saudades eu tenho tido do desventurado animalzinho?!

Que falta não tem sentido d'elle, nos seus innocentes brinquedos, na sua vertiginosa carreira de vellocipede, meu filho, que o tinha por companheiro?

Minha mulher sentio profundamente este triste acontecimento, e lamenta-se de não ter sido mais constantemente meiga com o seu saudoso Black.

Teria sido um suicidio?

SILVIO.

A VOZ DAS ARVORES



Emquanto os meus olhares fluctuavão
Seguindo os vôos da irradiante mente,
Sob a odorosa cupola fremente
Dos bosques onde os ventos sussurravão.

Ouvi fallar, as arvores fallavão:
A secular mangueira fielmente
Repetia-me a rir o idyllo ardente
Que dois noivos, á tarde, lhe contavão.

A palmeira narrava-me a innocencia
De um brando e mutuo amor—sonho que veste
Dos loiros annos a feliz demencia;

Ouvi o cedro, o coqueiral agreste;
Mas excedia a todos a eloquencia
D'uma que não fallava: era o cypreste.

L. G. JUNIOR.



A FELICIDADE



Haverá felicidade no mundo, haverá, mas no coração do homem certo é que não existe ella perfeita.

Esperar e desejar é bom ás vezes, mas a felicidade não está, não pode estar, nem na esperança, nem no desejo.

E si a esperança se realisar, si o desejo for satisfeito, então isso é a felicidade de certo?

Lois não é: porque vem a desconfiança, vem a incerteza, vem a incredulidade, vem o susto, vem tudo perturbar o prazer, que se não chega a gosar absolutamente completo, aviyar as saudades, dar vida a novas esperanças, que se algum dia se realisarem, perderão o valor, o encanto, o prestigio, com que a vaga imaginação as enriqueceu.

Venha o feliz triumphador, venha no momento da victoria, quando todo um povo, prostrado no pó, o admira, o louva, o adora, e diga-nos se não tem no mais recondito escondrijo do coração uma tristeza profunda que lhe não deixa gosar a felicidade da gloria, que lhe faz subir lagrimas aos olhos, quando mal nos labios se formou o riso da alegria?

Venha o avarento, com todos os seus thesou-

ros, cercado de gemmas preciosas e de pilhas de ouro, e diga-nos si a riqueza é a felicidade ou não é antes a inquietação de todas as horas; diga-nos si a riqueza não é o martyrio, quando o sujeito se ergue pallido diante dos olhos e o terror circunda e aperta nos braços descarnados o corpo fragil e avarento?

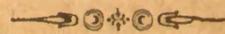
Venha o homem que a inspiração guiou pelos incommensuraveis espaços da poesia, a quem a Providencia revelou alguns dos sublimes segredos que só de seculos a seculos ella diz á humanidade pela boca dos poetas, e diga-nos si nas horas silenciosas da noite, nas horas da solidão quando o pensamento oscilla incerto entre o passado e o futuro, entre o real e o imaginario, entre a terra e o céu, diga-nos si nessas melancolicas horas, elle se não sentio pequeno e fraco diante da immensidade das cousas creadas, si não sentio immensa tristeza repassar-lhe a alma, si não pediu a Deus que lhe tirasse o dom fatal do genio que consome o espirito e lança na sepultura ainda no verdor dos annos os que o possuem?

Venha tambem o amante que todos imaginão que todos julgão perfeitamente ditoso, porque passa a vida aos pés da mulher que adora, escutando-lhe palavras e suspiros que rescendem ternura, venha o amante nesse mesmo momento que recebe n'um extasi de paixão as mais ardentes, as mais fascinadoras provas de amor, e diga-nos si não sente a melancolia passar sobre a sua felicidade, como a nuvem ligeira pela face do sol em dia de primavera; diga-nos, si vago e indolente quando receio o não faz subitamente estremece quando descuidoso se entrega aos encantos de uma ventura que nada parece ameaçar?

A. CORVO.



EXPEDIENTE



AOS NOSSOS ASSIGNANTES.—Declaramos aos nossos favorecedores que vamos dar começo a cobrança. Estando a concluir o 1° trimestre, e sendo o pagamento adiantado, tirámos os recibos de um semestre. Para os assignantes de fora, porém são elles de um anno.

As pessoas que não quizerem esperar pelo cobrador, poderaõ mandar satisfazer a importancia de suas assignaturas ao escriptorio do *Jornal do Commercio*, onde encontrar-se-ha encaregado de recebê-las.